

ORGANIZADO POR

ANA VALÉRIA RAMOS VICENTE
ROBERTA RAMOS MARQUES

cores & traçados

: a dança no Recife

historiográficos

EDITORA

associação
REVIVA

Editora  **UFPE**

ASSOCIAÇÃO REVIVA

Diretor-presidente **Angelo Aimberê**

Diretora financeira **Liana Gesteira**

Diretora-secretária **Wanessa Santos**

ACERVO RECORDANÇA

**Ailce Moreira, Daniela Santos, Elis Costa,
Ju Brainer, Liana Gesteira, Roberta Ramos,
Taína Veríssimo e Valéria Vicente**

EDITORA DA UFPE

Diretor **Lourival de Holanda Barros**

Vice-diretor **Fábio Cavalcante de Andrade**

FICHA TÉCNICA

Organização **Roberta Ramos e Valéria Vicente**

Coordenação editorial **Liana Gesteira**

Produção **Ailce Moreira**

Administração
do projeto **Roberta Ramos e Liana Gesteira**

Projeto gráfico
e diagramação **Moacyr Campêlo**

Revisão **Adely Couto**

Agradecemos a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a construção desta publicação:

Associação Reviva, Ângelo Aimberê, Tamisa Vicente, Severino Vicente, Afonso Oliveira, Tereza Noronha (in memoriam) João Paulo Lima e Silva Filho, Mônica Lira, Sônia Sobral, Ana Maria Ramos, Rejane Gesteira, Durval Muniz Albuquerque, Movimento Dança Recife, Caio Lima, Cia. Etc., Coletivo Lugar Comum, Grupo Peleja, Kleber Lourenço, Fred Nascimento, Lau Veríssimo, Fernando Figueirôa, Acupe Grupo de Dança, Patrícia Costa, Raimundo Branco, Adriana Gehres, Compassos Cia. de Danças, Paulo Henrique, Grupo Experimental, Vaneide Moreira, Antônio Melo, Dorcas Santana, Marcelo Sena, Breno César, Orlando Nascimento, Irma Brown, Marcela Rabelo, Maria Eduarda Gusmão, Lírio Ferreira, Marcelo Pinheiro, Adriana Carneiro, Maria Agrelli, Oscar Malta, Guilherme Schulze, Marcelo Coutinho, Adautino Costa, Lucy Costa, Renata Vieira, Vilma Carijós e Gilson Santana (Mestre Meia Noite), Glória Maria Gomes, Gilson Gomes, Angélica Lins, Antônia Batista Ferreira, Ubiracy Ferreira e Thiago Ferreira, Mestre Zumbi Bahia, Christine Greiner.

Aos profissionais que atuaram no RecorDança ao longo de sua história:

Maria Helena Sette (in memoriam), Marcelo Sena, Isabela Cribari, Márcia Virgínia, Maria Goretti Rocha de Oliveira, Uana Mahin, Renata Pires, Duda Freyre, Leda Santos, Carlos Ferrera, Andreina Vieira, Afonso Oliveira, Mônica Lira, Acácia Coutinho, Andréa Batista, Celly de Brito Lima, Rose Ferreira, Hélder Lima e Silva, Lino Madureira.

Aos funcionários do Fundo Pernambucano de Incentivo a Cultura, Norma Melo, Yêda Costa, Elisângela Oliveira, Glauber, Alcione, seus gestores e aos integrantes das Comissões deliberativas desde 2003.

12 Índice de imagens
PÁG. 202

6 Sobre os autores
PÁG. 198

11 Performar arquivos, desencadear afetos, emancipar histórias: ficção e interatividade em duas exposições historiográficas do Recordança
Roberta Ramos Marques
PÁG. 163

12 Indícios de gênero na história da dança do Recife (ensaio fotográfico)
Ju Brainer
PÁG. 179

11 “Espalhando brasas”: pensando pedagógica e criativamente o frevo a partir de um olhar do presente
Jefferson Elias de Figueirêdo
PÁG. 103

9 Memória como experiência política
Nirvana Marinho
PÁG. 133

8 Mulheres Notáveis: despertando olhares para a contribuição das mulheres na Dança Afro do Recife
Daniela Santos
PÁG. 117

10 Histórias ao pé do ouvido: o meu conto sobre a dança que o Recife me contou
Elis Costa
PÁG. 145

6 História e dança – uma relação com a morte
Flavia Pinheiro Meireles
PÁG. 91

5 Frames e Trajetórias da Videodança no Recife
Ailce Moreira
PÁG. 77

2 Mover-se por intuitos pedagógicos
Taína Veríssimo
PÁG. 35

4 Figurinos, uma segunda pele na história da dança do Recife
Djalma Rabêlo do Amaral Filho
PÁG. 65

3 Estados provisórios no habitar e no criar
Liana Gesteira Costa
PÁG. 51

2 Acordes e traçados
Ana Valéria Ramos Vicente e Roberta Ramos Marques (Organizadoras)
PÁG. 13

1 Introdução
PÁG. 13

1 Entre a memória e a historiografia: apontamentos para refletir sobre a geração da dança no começo dos anos 2000
Ana Valéria Ramos Vicente
PÁG. 19

0 Prefácio
Christine Greiner
PÁG. 9





10

Elis Costa

HISTÓRIAS AO
PÉ DO OUVIDO:
O MEU CONTO
SOBRE A DANÇA
QUE O RECIFE
ME CONTOU

Em 2014, com incentivo do Funcultura¹, realizei junto ao Acervo RecorDança um projeto de pesquisa que se propôs a investigar o contexto da dança nas últimas décadas do século XX, a partir de alguns aspectos selecionados durante o percurso da investigação. Este projeto, que chamamos de *Histórias ao pé do ouvido*², foi o primeiro que aprovei como proponente e sua construção afirma e renova o fazer historiográfico do Acervo RecorDança. Ele diz muito sobre mim e sobre as complexas decisões que precisamos tomar no dia a dia de uma pesquisa. *Histórias ao pé do ouvido* também veio reforçar a política do Acervo de dar voz aos fazedores da dança no estado de Pernambuco, propondo a elaboração de oito episódios de *podcast*³ a partir das falas dos bailarinos mapeados pelo RecorDança que atuaram entre os anos de 1970 e 2000. As falas foram extraídas de entrevistas de áudio concedidas ao Acervo em sua primeira fase de atuação, entre 2003 e 2004 – até então não disponibilizadas ao público. Mas antes de me dedicar a falar do *Histórias ao pé do ouvido*, me deixa contar um pouco sobre como o desejo de contar a dança do Recife através de *podcasts* nasceu em mim.

Em 2013, com apenas um ano como pesquisadora do Acervo RecorDança, fui designada para a equipe responsável pela execução do projeto *Imagens e Histórias da Dança nos anos 80*, que acabara de receber o incentivo do Funcultura. O projeto previa a realização de 10 exposições virtuais, uma exposição fotográfica física (que contava com um educativo inclusivo) e a catalogação e inserção do material que seria utilizado no acervo on-line, de forma a disponibilizá-lo gratuitamente ao público. Dentro

¹ Funcultura é a sigla do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura. Um dos principais mecanismos de fomento e difusão da produção cultural no Estado, ele está inserido no Sistema de Incentivo à Cultura (SIC-PE). Para mais informações consultar: <http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/funcultura>

² Para ouvir os episódios, acesse: <http://associacaoeviva.org.br/siterecordanca/hpo/>

³ *Podcast* é um formato digital de arquivo de áudio. É uma das mais atuais formas de comunicação nos meios virtuais. Normalmente é feito em episódios e pressupõe uma continuidade. Pode ser acessado gratuitamente por qualquer pessoa e, aquelas que o assinarem sempre receberão um comunicado sempre que um novo episódio estiver disponível (mas é possível também escutá-lo diretamente em qualquer computador, da mesma forma como se faz com qualquer arquivo de áudio).

dessa equipe, assumi a função da escrita das exposições – discutidas previamente com a equipe, por onde novamente passaria antes da publicação – e de curadora - juntamente com Liana Gesteira, Roberta Ramos, Taína Veríssimo e Ailce Moreira - da exposição física que foi aberta ao público no mês de outubro do citado ano, abrigada pelo Museu Murillo La Greca. A exposição se chamou *Presente Passado Movimento: a dança de 80 pelo olhar do RecorDança*. A ideia dessas ações veio à tona ainda em 2012, durante uma reunião de planejamento para o ano seguinte que seria o décimo de vida do acervo, em virtude da preocupação da equipe com as várias fotografias e recortes de jornais doados durante esta última década que se encontravam vulneráveis aos efeitos do tempo no nosso escritório, ainda sem catalogação. A aprovação desse projeto nos proporcionou, enfim, a possibilidade de nos debruçarmos, com tempo e atenção devida, sobre esse material.

Uma curiosidade que merece atenção nesse processo é que nós três, eu, Ailce e Taína, nascemos na década de 80, ou seja, não tivemos qualquer outro contato com a dança realizada nesse período no Recife que não através de fotos, jornais, vídeos, depoimentos e entrevistas em áudio realizadas entre os anos de 2003 e 2004, na primeira fase do Acervo RecorDança. Diante da missão de curar uma exposição que nasceria exclusivamente de parte desse material e dessas informações, esse fato tornou-se para nós um grande e rico desafio, exigindo muito estudo e peculiar olhar. A exposição *Presente Passado Movimento* acabou sendo a primeira das muitas ações comemorativas dos 10 anos do RecorDança e um evento muito bem recebido na cidade pelos artistas, que viveram e dançaram a década de 80, especialmente.

Passada toda a euforia dessa realização, chegava, mais uma vez, o momento de planejar. A equipe se reuniu e colocou na mesa seus desejos e vontades. Em 2013, além de ter me dedicado por todo o ano à concepção da exposição física junto com Ailce e Taína, além de ter concretizado as exposições virtuais previstas (transformando em palavras e imagens tudo o que vinha lendo, percebendo e refletindo durante o ano), mantive minhas atividades como artista na Cia. Etc. Lá, também nesse ano, realizamos um programa de *pod-*

casts chamado *Contracorpo: conversando com dança*, através do qual eu e Marcelo Sena - ex-pesquisador do Acervo RecorDança e também integrante da Cia. - entrevistamos 10 grupos/companhias da cidade, o que nos deu a oportunidade de ouvir muitas outras histórias. Por tudo que tinha vivido e experienciado nos últimos meses, anunciei naquela reunião de planejamento os meus desejos de continuar a difundir o acervo e a história da dança, de tornar essa história acessível a outros públicos e de permanecer ouvindo as histórias que a própria dança tinha pra me contar. Assim, começava a desenhar-se o *Histórias ao pé do ouvido*, o *pod-cast* do Acervo RecorDança que pôde, então, se concretizar mais uma vez através do incentivo do Funcultura.

A PESQUISA

A partir da mesma preocupação que originou o projeto dos anos 80, eu elaborei o *Histórias ao pé do ouvido* pensando em dar prioridade aos documentos já existentes no acervo e que não tinham ainda sido catalogados e disponibilizados ao público. *Histórias ao pé do ouvido* consistiu, como já mencionado, numa pesquisa realizada por meio de entrevistas e depoimentos dos artistas da dança do Recife concedidos ao RecorDança ainda na primeira fase do acervo, entre os anos de 2003 e 2004. Esse material me serviu como importante fonte de informação durante todo o processo de curadoria da exposição *Presente Passado Movimento*, quando tive meu primeiro contato com ele. Meu contato com as vozes desses artistas e com o conteúdo de suas falas, bem como o que suscitava em mim enquanto eu os ouvia me levou a querer compartilhar essa experiência. A querer dividir o saber de cada artista, o que cada um deles pôde acumular de conhecimento através de suas vivências – isso tudo através de eixos temáticos.

No total, as entrevistas em áudio presentes no acervo somavam 43 CDs, 25 horas de gravação ouvidas pela nova equipe inúmeras vezes. Gravações estas, é importante dizer, que quando realizadas não tinham qualquer pretensão de serem publicadas, o que implica muitos ruídos, baixa qualidade técnica (imaginem que, há uma década, os recursos de gravação sonora eram muito mais precários que hoje) e bastante informalidade. Essas horas de papo foram decupadas e re-decupadas por Ju Brainer (historiadora e pesquisadora em dança convidada), Ailce Moreira (jornalista e mestre em artes visuais, uma das coordenadoras do acervo) e eu (que sou, para além de artista,

arte-educadora e pesquisadora do acervo, também historiadora de formação), sob a orientação de Marcelo Sena (que além do já dito é também jornalista).

Num processo que se assemelha muito a uma curadoria, os depoimentos foram sendo cuidadosamente tratados, separados e costurados, ouvidos e interpretados, revelados e, respeitosamente, ocultados, resultando em oito episódios de *podcasts* que juntos somam 160 minutos de memória, amor e devoção à dança.

OS TEMAS

Decidida a ideia inicial do projeto, a primeira coisa que precisávamos fazer para levá-lo adiante era ouvir, ainda que rapidamente, todas as entrevistas. Era necessário saber se as gravações tinham um mínimo de qualidade para serem utilizadas na confecção dos *podcasts*, se havia uma possibilidade concreta de executar o que desejávamos propor. Foi nesse momento de averiguação técnica que, pela primeira vez, comecei a pensar sobre que aspectos da dança seriam interessantes tratar. De início, três temas se impuseram como norte: formação, profissionalização e criação. Eles surgiram justamente nesse período inicial, quando estudávamos as possibilidades reais de concretizar o projeto, e mediante as perguntas que compunham os roteiros das entrevistas.

Após a aprovação da pesquisa, no entanto, já com uma maior disponibilidade de tempo para ouvir os depoimentos com o cuidado devido, e já contando com as orientações de Marcelo Sena, deixamos que o próprio material nos dissesse, enfim, quais aspectos seriam tratados. Passamos, então, a observar quais temáticas se repetiam; que conteúdos estavam “por trás” ou “entre” as respostas que se davam às perguntas sobre formação, profissionalização e criação; o que não estava tão óbvio, mas estava presente e escapava nas falas dos artistas entrevistados. Um processo que se assemelha a uma organização arquivística, como apresentado por Mathias:

O que seria uma organização arquivística? Em um primeiro momento seria aquela estruturada como um arquivo. Mas o que significa isso exatamente? De forma muito geral, significa uma estrutura em que elementos se encontram localizados de forma tal que seu(s) significado(s) se estabelece(m). Ou seja, os elementos não encerram o sentido em si, fechados, mas sim em relações. Um arquivo é, nesse sentido, a estrutura aberta por natureza. Os elementos ali “arquivados” precisam ser “pinçados” e re-colocados em outros contextos para poderem significar. O mesmo elemento pode significar e ajudar a significar diferentes coisas, pois sempre seu sentido se dará em função de seu novo locus, seja ele um locus temporal ou espacial. Por exemplo, as cartas de um escritor X podem ter pouca relevância em uma época ou contexto; podem funcionar como complemento para determinada compreensão em outro; podem ser a chave de leitura de algo em outro momento ou local etc. As cartas, em si, significam somente cartas de X para Y; o que vai lhe [sic] dar força significativa é o locus que ocupará neste ou naquele contexto discursivo. (MATHIAS, 2010, p. 2-3).

Diante de uma construção, ou de um desejo de construção nesse sentido, os leitores ou, no nosso caso, os ouvintes...

[...] não podem mais adotar uma postura passiva de recebimento de informações, como o pesquisador que ia aos arquivos para ler, para encontrar lá, a verdade ou as verdades que buscava; mas leitores ativos, na perspectiva daquele que vai aos arquivos com perguntas interessantes, com propostas interessantes, e “arranca” do “arquivo” elementos que ressignificam em outro contexto, em um novo texto/contexto/coleção. (MATHIAS, 2010, p. 12).

Para ajudar nessa busca, na composição dessas coleções, revisitamos também as 10 exposições virtuais produzidas em 2013, durante o projeto *Imagens e Histórias da Dança nos anos 80*. A ideia inicial era se inspirar ou, talvez, conseguir transformar, ressignificar os eixos temáticos explorados nestas ex-

posições virtuais, a fim de torná-los temas possíveis de serem tratados em um episódio de *podcast* – que despertasse interesse nos fazedores da dança no Recife de hoje. Estudar cada possibilidade e impossibilidade, destrinchando ideias, sempre atentos ao presente e às demandas de nosso tempo atual, chegamos, por fim, aos oito seguintes temas: Temporalidades, Múltiplas Linguagens, Mobilizações, Gêneros, Formações, Êxodos, Remuneração e Políticas Públicas.

O FORMATO DOS PODCASTS

Eu não sabia ainda, mas a forma como apresentamos esses oito episódios de *podcasts*, as escolhas que fizemos, os caminhos que percorremos, começaram a ser desenhados dia 23 de fevereiro de 2013. Na verdade, um mês antes, enquanto me preparava para a capacitação interna que ocorreria naquele dia pelo doutor em sociologia João Paulo de Lima e Silva Filho, o Jampa. Essa preparação consistia na leitura de um trecho de sua tese, *Excursão*, e do artigo de Valéria Vicente, produzido com sua contribuição, intitulado *Entre a memória e a historiografia* - também publicado neste livro. Em ambos os textos, a primeira pessoa se faz presente, no verbo e no ponto de vista, assim como neste artigo e como em *Histórias ao pé do ouvido*. Como

podemos observar no início do supracitado texto de Jampa:

1. Tentativa de auto-análise [sic]: voltando à primeira pessoa

Não poderia terminar esta tese sem uma reflexão mais direcionada ao seu contexto de produção e a minha inserção nele. O que busco com isso é mais uma vez a reflexividade crítica, coerente com a convicção sociológica de que uma sociologia dos intelectuais séria deve, além de colocar o mundo social em questão, questionar sobre o próprio mundo de produção intelectual, inclusive o de quem produz sobre ele. (SILVA FILHO, 2012, p. 188).

Eu não sabia ainda, mas esse formato assumidamente pessoal e autorreflexivo de nossos episódios foi sendo lapidado já desde o começo de 2014, através dos textos lidos e das discussões travadas no grupo de estudos promovido pelo RecorDança, com orientação de Roberta Ramos, o *Historiografia, Descontinuidade e Dança*. Esse pensamento de descontinuidade na História foi reforçado tanto por Nietzsche como por Walter Benjamin, ainda que com contrastes entre seus padrões.

Nietzsche propõe uma historiografia que rompa com a falsa continuidade histórica produzida pela tradicional noção de um tempo linear e contínuo impulsionado pelo progresso, e através do qual as épocas históricas se encadeiam umas às outras por meio dos grandes acontecimentos perseguidos pelos positivistas e historicistas tradicionais. Ao contrário, Nietzsche propõe ignorar essa falsa continuidade histórica e fazer uma ligação entre aquilo que importa nos vários momentos do passado e no presente. [...] A partir daí, podemos perceber a analogia e as diferenças entre Nietzsche e Benjamin: ambos propõem à historiografia a tarefa de recuperar pérolas ou “centelhas” nessa vasta história descontínua que é apresentada distorcidamente, pelos poderes dominantes, como uma “história contínua” interligada pelo movimento do progresso. Todavia, os pontos que cada um deles propõe revivificar a partir da prática historiográfica são distintos. Nietzsche reintegra, para que se ressignifiquem reciprocamente, os “grandes homens” (não os grandes heróis das batalhas oficiais, mas os grandes espíritos como Goethe ou Rafael Sanzio); já Walter Benjamin reintegra as grandes sublevações, os momentos revolucionários, as “centelhas de esperança” que brilham por meio de heroísmo revolucionário e do clamor dos movimentos sociais. (BARROS, 2011, p. 166-169).

Há, em *Histórias ao pé do ouvido*, na forma como os episódios foram roteirizados e editados, forte influência dessa concepção descontínua da história, ora reintegrando as pessoas (como Nietzsche sugeria), ora reintegrando os momentos (como preferia Benjamin). Porque, para nós, pesquisadores, nem os eventos e nem o sujeito era o objeto historiográfico de interesse, mas, sim, a dança.

Foi buscando fazer essa ligação entre o que importa no passado, presente e – no nosso caso, já que não sabemos em que tempo esses episódios poderão ser ouvidos – futuro, que criamos nossa vinheta: uma sobreposição de datas, sem ordem cronológica. Inclusive, não usamos a cronologia como critério para quase nada nos *podcasts*, um exemplo disso é que o primeiro episódio gravado – as datas das gravações de cada programa são anunciadas logo após a vinheta – não foi o primeiro a ser lançado, o que só nos ajuda a romper com as estruturas lineares tradicionais da narrativa. Na verdade, os episódios não são numerados e são completamente in-

dependentes entre si. Inicialmente, essas datas utilizadas para a vinheta seriam as gravadas na época das entrevistas, anunciadas pelas pesquisadoras do acervo para identificar o dia daqueles encontros em cada gravação, mas, por questões técnicas, não foi possível. Regravamos as datas, os anos, de fato; recriamos uma realidade, mas a ideia de reintegração/diálogo de diferentes temporalidades (presente, passado, futuro) manteve-se.

A pessoalidade, herança direta da capacitação dada à equipe por Jampa em 2013, já se mostra presente na apresentação dos *podcasts*. Sempre nos apresentamos e, quando possível, partimos assumidamente de nossas experiências para olhar para fora. Deixamos clara nossa opinião. Assinamos a obra. Assumimos

a parcialidade inerente a todo pesquisador, ainda que escondida.

No entanto, o que eu gostaria mesmo de explicitar aqui com tudo isso e que eu não sabia ainda que queria quando a primeira versão deste artigo-relato foi feita em 2014, é o quanto que cada detalhe da concepção e feitura dos episódios do *Histórias ao pé do ouvido*, nas suas mais diversas fases (incluindo a escrita desta reflexão), está impregnado do pensamento historiográfico que o Acervo RecorDança construiu nos seus 12 anos de existência. Talvez tenha sido isso que, no comecinho de 2015, na sua primeira leitura deste texto (na altura em sua segunda versão), Valéria quis dizer quando assim me provoca por e-mail: *“você não gostaria de usar um pouco desse relato para propor uma argumentação mais contundente sobre essa experiência em algum de seus aspectos teórico-práticos? Seria um presente para todos nós.”*. Aqui estou, agora, disposta a isto.

Durante esse percurso, nem sempre consciente, pela busca da nossa forma de desenhar no tempo a dança realizada em Pernambuco (de forma especial em Recife), muitos pares foram encontrados. Alguns já foram aqui citados, como Nietzsche e Benjamim. Outros serão ainda, no decorrer desta leitura. O mais recente, no entanto, foi a concepção de historiografia performativa de Eleonora Fabião, fonte de inspiração que me encoraja a continuar acreditando na possibilidade de escritas como esta. Para Fabião:

Tomando como referente a desconstrução da representação operada pela arte da performance, o historiador precisa criar fato, experimentar, conhecer com seu próprio corpo. E é só a partir desse conhecimento, dessa experiência psicofísica do arquivo e a partir do arquivo, que um certo texto-ato começará a ser escrito. Aqui interessa a experiência do historiador com o tempo, o espaço, os documentos, a corporeidade, a escrita, a página. Aqui interessa a força generativa da performance historiográfica. Também a força derivativa da arte da performance. Aqui percebe-se um interesse comum aos performers e a certos historiadores: tornar seus corpos disponíveis para que se deem (sic) todos os tipos de agenciamentos. Assim como o corpo do performer, o corpo do historiador vai ser incorporado e incorporar, ser atravessado e atravessar inúmeros corpos – existentes e não-existentes; vivos e mortos; atuais e virtuais; arquitetônicos e imateriais; presentes, passados e futuros; individuais e coletivos. (FABIÃO, 2012, p. 53)

Por sua vez, Maurice Halbwachs (2006), ao conceituar a memória como um fenômeno social, enfatizando o quanto do nosso meio social, do sentido do coletivo, constitui nossas lembranças mais particulares, nos proporciona aqui uma outra pertinente reflexão, bem traduzida por Cerbino, que apoia o pensamento historiográfico que adotamos e exercemos no mundo:

Como construção humana que se realiza no tempo, a memória não é um dado fixo e invariável, mas um processo de resignificação elaborado a partir de percepções e questionamentos feitos no presente. Não se trata de resgatar algo deixado para trás, termo usualmente relacionado ao ato de lembrar, mas perceber que a memória, mesmo necessitando do passado para sua realização, está ancorada no tempo presente. (CERBINO, 2012, p.2)

Em outras palavras, o que pretendo chamar a atenção aqui é que as diversas abordagens historiográficas por onde passou a escrita do Acervo RecorDança como acervo vivo que se propõe a ser, único no estado dedicado a esta área do conhecimento, seu percurso historiográfico, tudo isso nos leva a perceber e ter indícios dos caminhos por onde passou a dança pernambucana nesta última década – e também por onde passamos nós, pesquisadoras-artistas, escritoras da dança, que escrevemos no mundo, parte desse todo dançante. Assim, as diversas formas que encontramos durante os anos para contar a história da nossa dança escrevem também a própria história do Acervo e das pessoas de que ele foi/é feito. É a história por trás da história, que também merece ser ouvida, percebida, lida – ainda que nas entrelinhas. Esse é o meu convite aqui: às entrelinhas.

OUVIR O QUE NÃO FOI DITO

No total, como já dito anteriormente, ouvimos 25 horas de entrevistas gravadas. A seleção final para a composição dos oito *podcasts*, contando inclusive com a gravação de nossas falas de apresentação, ficha técnica, vinheta, etc. soma apenas 2 horas e 40 minutos. Por isso, já se há de prever que existe muito mais sobre a história da dança do Recife no que ainda não encontrou espaço nessas ondas sonoras. Assim, sinto necessidade de falar que nossa seleção não dividiu as falas nos grupos dos interessantes e dos não interessantes. Na verdade, a escolha envolveu inúmeros fatores, desde a qualidade dos áudios, passando pela clareza da informação, pela valorização de certas questões pertinentes aos dias atuais, o desejo de se divulgar dados ainda desconhecidos pela maioria da classe artística e pelo respeito ao artista entrevistado.

Como também já foi dito, essas entrevistas não tinham a intenção

inicial de serem divulgadas, serviriam somente como fonte de pesquisa para o Acervo RecorDança começar a desenhar os primeiros cruzamentos dessa história. Por isso, não havia preocupação com a qualidade do áudio, com o local onde essas conversas eram gravadas, com a formalidade das entrevistas, com muito do que foi dito e do como foi dito. Como trabalhar com acervo é trabalhar valorizando pessoas, tudo isso precisou ser considerado, e algumas coisas ouvidas precisaram, durante a decupagem, ser assumidamente esquecidas. O trabalho com a memória significa também aprender a conjugar o verbo esquecer. Ou ainda, segundo a concepção arquivística, selecionar:

[...] a situação contemporânea caracteriza-se do seguinte modo: de um lado temos o aumento excessivo de memória, propiciado pela mídia (imprensa, TV, cd-roms, internet, mp3, 4, etc., Ipod, dentre outros), enquanto que, de outro, temos o aumento do esquecimento, que se deve ao fato desse passado se apresentar enquanto acúmulo de informações. O tom de angústia e ansiedade dessa situação pode ser entendido pelo fato da contemporaneidade nos oferecer, ao invés de memórias vividas, “memórias comercializadas”, portanto, muito mais fáceis de serem esquecidas, já que são consumíveis. Isso se dá, principalmente, em função da velocidade com que as coisas e eventos viram passado em nossas sociedades. Essa dinamização acaba gerando um ciclo vicioso em um movimento de se querer, cada vez mais, “armazenar” memórias, em função da velocidade com que tudo vai se tornando passado. Todo esse processo acaba produzindo um excesso de memória que, em uma cultura saturada de mídia, cria uma ameaça constante de implosão, causando, como consequência, um medo, também em excesso, do esquecimento; assim, um movimento é, ao mesmo tempo, causa e efeito do outro. Uma saída possível de tal paradoxo seria a prática de uma “rememoração produtiva”, ou seja, propiciar a iminência de memórias vividas ativas e incorporadas na sociedade. Para tal, Huyssen defende que o homem contemporâneo precisa aprender a esquecer. Acreditamos, todavia, que o homem precisa aprender a colecionar (portanto, a selecionar) e a organizar formas arquivísticas dinâmicas de representação, afim de permitir que, do encontro do passado com o presente surjam ‘imagens fugazes’, significativas enquanto vivência. (MATHIAS, 2010, p. 13).

O RESULTADO EM MIM

A última parte deste artigo surgiu somente alguns dias depois de ele ter sido declarado finalizado pela primeira vez. Mais precisamente após a sua primeira revisão e em resposta à provocação da minha amiga e também colega de acervo, a artista e pesquisadora Liana Gesteira. Lilica, como é carinhosamente chamada, é também coordenadora do RecorDança e faz parte da equipe há 12 anos, desde o início deste projeto audacioso. Temos uma pequena diferença de idade que hoje pouco nos separa. Mas esse tempo a mais que ela usufruiu da vida foi suficiente, por exemplo, para que, no ano de 1991, eu tenha (com sete anos de idade, iniciando minha trajetória na dança) escolhido ela – que dividia palco comigo e com mais outras dezenas de alunas de uma escola de dança nesse meu espetáculo de estreia, sem ainda sequer imaginar que estaríamos juntas vinte anos adiante nessa luta pela preservação da memória da dança no Recife – como uma das minhas referências e inspirações para o futuro. Talvez, por isso, pelo que ela representa na história da minha dança (já que é disso que estamos falando), senti necessidade de toda essa introdução e, claro, de responder ao seu desejo de me “ouvir” depois de um ano em que estou na escuta.

Na verdade, se eu contar com o *Contracorpo*, projeto realizado ano passado pela Cia. Etc. de que falei anteriormente, somo dois anos dedicados a ouvir histórias sobre a dança realizada em Recife, seja no tempo presente, seja num tempo passado, sempre cogitando o futuro. Isso, por si só, já promoveu uma enorme mudança de paradigma em mim, como pesquisadora acostumada a consultar, sobretudo, fontes escritas. Desde quando entrei na equipe do Acervo RecorDança, exercito assumir o discurso dos artistas,

mas foi através da realização desta pesquisa que pude de forma mais consistente, e até literal, experimentar isso.

Sou outro tipo de pesquisadora depois desses atravessamentos de histórias contadas ao pé do meu ouvido: com os desejos e as próprias memórias mais presentes, ao pé da letra. Capaz de identificar as marcas particulares e as questões latentes em cada escolha feita durante essa pesquisa, a começar, por exemplo, pela opção em realizar um produto final em áudio. Há nisso um anseio pessoal de compartilhar a experiência de ouvir o outro e, sobretudo, de tornar acessível a quem não é vidente, a quem não pode apreciar a dança sem mediações, o contato com questões relevantes a ela, as fontes diretas de informação sobre o assunto, outra forma – essa, sim, direta – de apreciação em dança e, por que não, de dançar.

Particularmente, acredito que o acervo também termina acrescido nesse ano comemorativo de sua primeira década: reinventa-se ao [re]significar informações e documentos já existentes nos seus arquivos, como fez com as entrevistas realizadas em 2003 e 2004; renova-se ao se aproximar da linguagem atualíssima do *podcast* e, por fim, justamente por estabelecer esse diálogo com essa forma de distribuição de arquivo de áudio, essencialmente digital, se fortalece enquanto acervo virtual e abre caminhos para sua expansão, difusão, democratização e maior alcance. E, claro, para outras e plurais escritas.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

BARROS, José D'Assunção. **Descontinuidades**. In: Teoria da História III – Os paradigmas revolucionários. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERBINO, Beatriz. Memória e dança: considerações e apontamentos. In: Anais do VII Congresso da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. **TEMPOS DE MEMÓRIA: Vestígios, Ressonâncias e Mutações**. Porto Alegre, outubro de 2012.

Disponível em:

http://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/pesquisadanca/BEATRIZ_CERBINO__Mem__ria_e_dan__a_-_considera____es_e_apontamentos.pdf

Acesso: abril de 2015.

FABIAO, E. B. Performance e História: em busca de uma historiografia performativa In: **Pelas Vias da Dúvida** – segundo encontro de pesquisadores dos programas de pós-graduação em artes do Estado do Rio de Janeiro realizado no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, RJ, Livia Flores

(Org.) Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes UFRJ, 2012.
ISBN: 978-85-87145-51-2

FILHO, João Paulo de Lima e Silva. **Graciliano Ramos: estudos de sociologias implícitas (1925-1953)**. 2010. 219 f. Tese (Doutorado em Sociologia)–Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MATHIAS, Érika Kelmer. Historiografia arquivística: novas propostas. In: **Revista Veredas da História**. 2010.

VICENTE, Ana Valéria. Entre a memória e a historiografia: apontamentos para refletir sobre a geração da dança no começo dos anos 2000. In: MARQUES, Roberta; VICENTE, Ana Valéria (Org.). **Acordes e traçados historiográficos: a dança no Recife**. Olinda: Editora da Associação Reviva; Recife: Ed. UFPE, 2016.

A185

Acordes e traçados historiográficos : a dança no Recife [recurso eletrônico] / organizadoras : Ana Valéria Ramos Vicente e Roberta Ramos Marques. – Recife : Editora UFPE, 2016.

Inclui referências.

ISBN (online)

1. Dança – Recife (PE) – Historiografia. 2. Dança – Brasil – História. I. Vicente, Ana Valéria Ramos (Org.). II. Marques, Roberta Ramos (Org.).


793.3198134 CDD (23.ed.)

UFPE (BC2016-048)

ISBN 978-85-415-0785-1



Este livro foi composto com a tipografia Officina, desenhada pelo alemão Erik Spiekermann em 1990. Foi impresso em papel Offset 90g/m² numa tiragem de 1.000 exemplares em junho de 2016.



O traçado que propomos neste volume, com a organização e articulação entre os artigos, é mais uma possibilidade de perceber o conjunto das reflexões propostas pela prática historiográfica. Em conjunto, o pensamento apresentado nesta publicação é parte de uma produção intelectual que atua para a ressignificação da ideia de passado e efemeridade da dança, mas que não deixa de investir na consolidação de acervos documentais que apostam na concretude das ideias de dança.

Ana Valéria Ramos Vicente e Roberta Ramos (organizadoras)

"O que encanta à nós que gostamos de pesquisar, é justamente como articular as conexões e os movimentos. [...] No caso da dança e, especificamente, aqui, nessas breves historiografias das danças do Recife, há movimentos que ocorrem ao mesmo tempo, atravessando textos e diferentes epistemologias. Eles navegam do pequeno ao grande e vice-versa. Daquilo que se vê e se inventa vendo em tempos, circuitos e espacialidades distintas."

Christine Greiner

REALIZAÇÃO


associação
REVIVA

RECOR a cervonline
DANÇA

INCENTIVO

FUNCULTURA

 **FUNDARPE**
FUNDAÇÃO DE APOIO À RESEARCH E À PRODUÇÃO DE CULTURA

**SECRETARIA
DE CULTURA**



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco

JUNTOS, FAZEMOS MAIS.